

## APRESENTAÇÃO

A versão original do trabalho que ora apresentamos é a monografia de conclusão do Curso de Especialização em Museologia (CEMMAE) da Universidade de São Paulo, produzida em 2000. Em 2001, no Encontro Internacional do ICOM<sup>1</sup> em Barcelona, surgiu a idéia de uma publicação que reunisse a tradução em língua portuguesa de *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*”, obra de André Desvallées (1992-1994), nosso trabalho sobre o pensamento museológico brasileiro e um similar que analisasse o pensamento museológico português.

A Universidade Lusófona, como é sabido, tem realizado há mais de uma década um trabalho ímpar de divulgação da produção na área da Museologia em língua portuguesa. Fatores operacionais levam a que se agilize a publicação do presente trabalho, sem que isso invalide a idéia de ter mais tarde a tradução de *Vagues* e a elaboração de uma pesquisa em Portugal com objetivos semelhantes aos nossos. Tais iniciativas serão de extrema importância para fortalecer as bases da reflexão museológica em nossos países.

A base desta publicação é, portanto, a monografia. Procedemos apenas a algumas correções e adaptações. A alteração mais substancial foi a retirada de um anexo que consistia em um quadro comparativo da produção (ano a ano) dos museólogos estudados. Tal quadro, além de extenso, desatualiza-se constantemente, daí a opção pela supressão.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Conselho Internacional de Museus.

A Museologia, disciplina aplicada voltada à experimentação, sistematização e teorização do conhecimento produzido em torno da relação do homem com o objeto no cenário institucionalizado dos museus, tem sofrido profundas alterações no que diz respeito à consciência da necessidade de repensar os museus tradicionais e desencadear novos processos de musealização.

Experimentações as mais variadas, bem como reflexões e debates os mais acalorados têm ocorrido sem que isto recaia, necessariamente, numa produção acadêmica correspondente. Esta constatação evidencia lacunas no que diz respeito à sistematização e posterior teorização no âmbito destas novas tendências do pensamento e da ação museológicos.

Desde a década de 70 profundas transformações têm ocorrido na Museologia e, como marco disto, a Mesa Redonda de Santiago do Chile de 1972 considerou como sua prioridade a intervenção social. O impacto desta Mesa Redonda, organizada pela Unesco, a respeito do "*Papel do Museu na América Latina*", coloca-a, no entender de Desvallées (1992), ao lado do colóquio "*Museu e Meio Ambiente*" (França, 1972) entre os momentos fundadores da chamada Nova Museologia<sup>2</sup>, que remontaria, no máximo, às jornadas de Lurs,

---

<sup>2</sup> Segundo Peter Van Mensch, em aulas ao CEMMAE (02 a 06/10/2000), o mundo dos museus passou por duas revoluções. A primeira, no final do séc. XIX, trouxe, entre outros elementos, a organização profissional, os códigos de ética e notáveis transformações nas exposições, p. ex., com a primazia da quantidade dando lugar à oportunidade do diálogo do público com os objetos expostos. A segunda, nos anos 70, foi chamada *New Museology*, quando a base da organização das instituições museológicas passou das coleções para as funções, além da introdução de um novo aparato conceitual, do qual destaca o museu integrado. Esta chamada Nova Museologia é hoje compreendida mais como um movimento renovador que como outra Museologia, e já tem, no mínimo, 30 anos. Ainda assim, para diferenciá-la da Museologia tradicional, utilizaremos nesse trabalho o termo Nova Museologia, para

em 1966, onde se iniciou a gestação do conceito de ecomuseu, mais tarde elaborado por Georges Henri Rivière e Hugues de Varine-Bohan.

A Declaração de Quebec (1984), surgida conjuntamente à criação do MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia, é, no entender de Mário Moutinho a contribuição para o reconhecimento pela Museologia do direito à diferença.<sup>3</sup>

Em 1992, nova e profunda revolução nas bases da disciplina museológica ocorre em Caracas, onde são reafirmados a prioridade à função sócio-educativa do museu, o estímulo à reflexão e ao pensamento crítico e a afirmação do museu como canal de comunicação.<sup>4</sup>

Por outro lado, as reflexões da Museologia também apontam para a compreensão da cultura como criadora das condições necessárias para o desenvolvimento e, portanto, sua preservação como fator indispensável para tal e trabalha-se com a hipótese de que esta disciplina desenvolve aí suas potencialidades. Baseada no rompimento com a idéia de coleção como fonte geradora dos processos museológicos, ela permite vislumbrar a possibilidade de integrar outros aspectos do patrimônio e potencializar a ação interdisciplinar.

Em meio a tal ampliação conceitual, porém, os resultados têm sido experimentos localizados, profícuas aplicações ainda pouco

---

nos referirmos a esta faceta renovada da Museologia, conceitualmente ampliada e socialmente engajada, surgida por volta da década de 70 do século XX.

<sup>3</sup> MOUTINHO in ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Cristina (orgs.). **A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos.** Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. p. 29.

debatidas, analisadas e sistematizadas, notadamente no Brasil. Aqui, as lacunas na formação de profissionais e o reduzido diálogo entre estes alargaram ainda mais o vácuo na produção científica e na sistematização do pensamento dessa área.

Encontramos na bibliografia internacional diligências no sentido de uma sistematização da produção da Nova Museologia, como os dois volumes de “*Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*”, organizada por André Desvallées (1992-1994), em capítulos que apresentam o que seria um apanhado geral de **reflexões e teoria** e de **experiências e práticas**.

Em língua portuguesa os vazios tornam-se mais evidentes, pois mesmo aspectos mais tradicionais da Museologia ainda carecem de maiores análises e de publicações, para que se ampliem os debates e a divulgação da informação. A parca – embora crescente – produção acadêmica e a inexistência de traduções de alguns documentos fundamentais têm gerado dificuldades de avanços na área, a despeito de iniciativas pontuais às quais este trabalho vem se juntar, como a engrossar o coro por uma ordenação sistemática do pensamento museológico que anteceda e dê base às reflexões teóricas<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> DESVALLÉES, André. **Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie**. Paris: W M. N. E. S., 1992. Vol. 1. p. 15-16.

<sup>5</sup> Exemplos significativos deste esforço de preenchimento das lacunas na bibliografia em língua portuguesa são a organização de “*A memória do pensamento museológico contemporâneo*” (ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*), com a reunião e tradução de documentos fundamentais como as declarações de Santiago, Quebec e Caracas – acompanhados de textos-comentários; e a publicação dos Cadernos de Sociomuseologia pela ULHT, raro caso de continuidade nas publicações desta área em português e onde aparecem textos brasileiros que em território nacional não chegam a obter o mesmo espaço. Em número recente, apareceu a organização de textos fundamentais de Museologia e Patrimônio: PRIMO, Judite (org.). **Museologia e**

A limitada representação da Museologia brasileira na mencionada antologia da Nova Museologia<sup>6</sup> motivou uma revisão do pensamento museológico nacional no sentido de localizar uma produção que foi olvidada em tal iniciativa e trazer à luz uma parcela da produção brasileira dispersa em teses, anais e documentos de encontros, revistas e livros. Nosso trabalho se justificou, então, pela ausência de revisão sistemática da produção bibliográfica nacional acerca da chamada Nova Museologia.

Como recorte para análise da produção brasileira, relacionamos seis autores que se destacam pela relevância de sua produção acadêmica e bibliográfica, de suas experiências na aplicação da Museologia e de sua participação em programas de formação profissional nesta área existentes até a atualidade no Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. São eles: Teresa Scheiner e Mário Chagas (RJ); Maria Célia Santos (BA); Waldisa Russio, Cristina Bruno e Heloisa Barbuy (SP).

A vastidão do tema e a multiplicação constante da bibliografia nos remetem à idéia de ondas. Da inspiração de *Vagues*

---

**Patrimônio:** documentos fundamentais. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 1999. Cadernos de Sociomuseologia, 15.

<sup>6</sup> Esta representação se resume ao texto de Fernanda de Camargo e Almeida (como se assinava Fernanda de Camargo-Moro) no v. 2 de *Vagues*, no capítulo referente às **experiências e práticas**: ALMEIDA, Fernanda de Camargo e. “*Le musée des images de l’inconscient – Une expérience vécue dans le cadre d’un hôpital psychiatrique à Rio de Janeiro*” (1976), in DESVALLÉES, 1994, *op. cit.* p. 204-213. É sintomática, porém, a presença de um texto não propriamente museológico, mas também de autoria de um brasileiro, o educador Paulo Freire, intitulado “*L’éducation, pratique de la liberté (La société brésilienne en transition)*” (1971). A influência do pensamento de Paulo Freire para este movimento de renovação da Museologia já se fazia notar no convite a ele feito para a presidência da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, episódio esclarecido mais adiante. Algumas de suas idéias seriam mais tarde incorporadas por

trouxemos também a noção da continuidade, do infundável. Encontramos nas palavras das responsáveis pela publicação de *Vagues*, Marie-Odile de Bary e Françoise Wasserman, a metáfora do movimento perpétuo, que dá origem a outras vagas. E nela também o conforto para as limitações e para a impossibilidade de respostas instantâneas a todas as perguntas que surgiram no decorrer desta pesquisa.

Organizamos nosso trabalho a partir de uma introdução que procura construir um painel do pensamento museológico internacional com base em um recorte específico que privilegia alguns marcos do movimento da Nova Museologia: os documentos de Santiago, Quebec e Caracas, e o documento final do Seminário Regional da UNESCO do Rio de Janeiro, de 1958.

O primeiro capítulo realça em *Vagues* as principais matérias de discussão que servirão como parâmetros, juntamente com os citados documentos, para confrontar adiante as idéias em circulação no mundo museológico com o discurso da Museologia brasileira.

O segundo localiza na antologia as poucas participações brasileiras, e resenha algumas obras relevantes dos museólogos estudados aqui para fundamentar, no último capítulo, a análise de seu pensamento e a existência em sua produção de conceitos que justificariam sua presença naquela obra.